VESTIDOS
DAS
NOSSAS AVÓS

ACTUALIDADES

FIGURINOS ROMANTICOS

Realizou-se no estudio do S. P. I., uma interessante Exposição de Figurinos Românticos. *Antigas gravuras, as que as mãos delicadas e artistas de Maria Hebe Gomes deram vida encantando-nos com a evocação de uma epoca (1833 a 1894) em que a mulher vestia com requintada graça feminina.*

Um quarto e a sala de estar do comboio especial

Aqui a tens, a Princesa Isabel, podes vestir-te como ela...

Os jornais têm-se referido largamente à viagem da Familia Real inglêsa à Africa do Sul.

Contam que a bordo seguem aviões, automóveis e até um maravilhoso comboio especial!

Falam tambem misteriosamente no segredo dos estilos dos vestidos — que serão notados em todos os centros da moda de todo o mundo, dizem os cronistas.

E tu pões-te talvez a imaginar o palácio encantado em que viajam as Princesas e que os seus vestidos serão tecidos de luar e bordados de estrelas como os das fadas...

Mas queres ver, afinal, como a riqueza e o confôrto podem ser simples e a elegância despretenciosa?

Ultimamente os desastres de avião têm-se sucedido e vitimado pessoas, que embora não sejam das nossas relações, são de todos conhecidas, porisso o seu desaparecimento causa especial pena.

Ainda há dias foram a sepultar, em Lisboa, nove componentes do grupo musical feminino «Ars Rediviva», que perderam a vida no avião que caiu sobre a Serra de Sintra, e que algumas de nós conheciamos de as ter ouvido tocar nos Concertos do Circulo de Cultura Musical.

Lemos tambem com pesar a noticia de outro desastre de avião, no qual perdeu a vida Grace Moore.

Numa revista espanhola veio publicada uma carta chegada após a sua morte. E' sempre impressionante uma carta recebida depois de alguem desaparecer.

E' uma carta familiar, dirigida à sogra. Graça Moore, a célebre cantora americana era casada com um espanhol, Valentim Parera. Muito dedicada à familia do marido, vivia em perfeita harmonia com este, coisa não muito vulgar em Hollywood!...

«Querida Mãe: Há que tempos que ando com desejos de lhe escrever. Espero muito breve estar consigo, ainda que seja por pouco tempo, pois pensamos ir à América. Dentro de alguns dias farei uma viagem sòzinha à Bélgica, Dinamarca e Suécia, onde darei alguns concertos. (*Foi nessa viagem que morreu*). E' a primeira vez que Valentim não me acompanha, porisso desejo demorar-me o menos possivel...» *E a carta continua em tom intimo, alongando-se em noticias familiares.*

Quem lhe diria que a viagem seria sem fim e a ausência eterna?!

Quando vemos passar um avião, acompanhemo-lo com uma prece: «Deus te guie!» Quantas vezes ele paira sobre a morte!

O último retrato de Graça Moore

UMA TAREFA DE ÉLITE...

ADELIA D'AFFREY, foi aquela alma de mulher que, sob o pseudónimo de *Marcelo,* se fez passar como homem, na Italia, para assim fazer vingar as suas obras de estatuária.

Morreu em 1879.

Foi no deslumbramento das Tulherias que se lhe despertou a sua vocação de artista.

Debaixo das copas das árvores dos célebres jardins, quando apenas contava 17 anos de idade, e sofria de não poder realizar-se toda na sua vocação, compôs Adelia a célebre oração que a seguir vos deixo aqui:

"Confiai-me, Senhor, uma tarefa de élite, uma missão perigosa, coroada pelo sucesso ou pela morte.

Dai-me fôrça e coragem de a empreender — e em troca deixo-vos, Senhor, o quinhão de ventura que me estava reservado neste mundo."

* * *

É melhor não comentar, por hoje.

Lê. Medita. Torna a meditá-la tantas vezes quantas forem necessárias para a saber de cór.

De cór... até fazê-la tua pela alma. Mete-a toda na alma.

* * *

Voltaremos à oração de Adelia d'Affrey, depois de a teres "devorado" com a alma toda — depois dela fazer parte da tua vida... .

Fá-la uma convicção.

"*Uma tarefa de élite...*"

"*Uma missão perigosa*".

...e "em troca" dar a Deus o "*qunihão de ventura...*"

Vê lá se acabas de entender bem.

G. A.

DE MÃO DADA...

ASSIM começámos a caminhada da vida, em pequeninos...

De mão dada demos os nossos primeiros passos ainda incertos, agarrados com confiança à mão que carinhosamente nos conduzia.

Hoje, é já talvez a nossa mão que ajuda outros a caminhar...

Mas há Alguem para quem nós somos sempre filhos pequenos, Alguem que não larga a nossa mão, se nós não a retiramos.

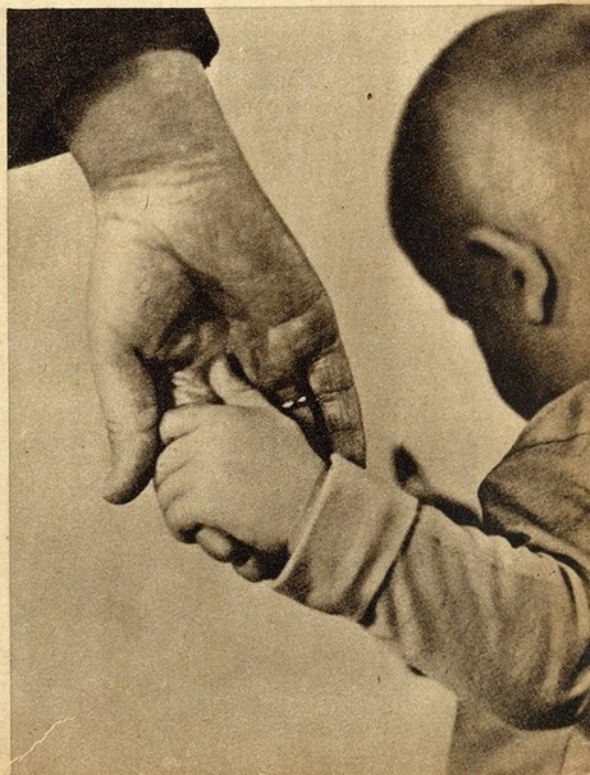
Agarremo-nos bem à mão de Deus, com aquela confiança infantil com que em pequeninos começámos a caminhada da vida pela mão da nossa mãe...

«Caminhos do Paraizo,
Qual o primeiro a chegar?»

Aquele por onde seguimos de mão dada com Deus!

COCCINELE

CAMARADAGEM

por MARIA AMÁLIA FONSECA

Um sonho mau

Aquelas semanas e meses decorriam sem alegria, desde que nascia a manhã até à hora do anoitecer. Quando Lenita já dormia, Ermelinda aconchegava a roupa ao corpinho da irmã. Depois, metia-se na cama, puxava os cobertores até às orelhas e ficava a pensar sempre na mesma coisa.

«A mãe lá continuava no hos«pital cada vez pior! A paralisia «ia tomando conta dos pobres «membros enfraquecidos, e, «como a doença parecia não ter «cura e as camas eram precisas «para dar lugar a outros doentes, «os médicos queriam dar-lhe «alta». «Ah! coitadinha! Voltar para casa, «para a sua casa devia trazer-lhe «bem estar, havia de ficar mais ali«viada, porque se durante o dia a «enfermaria do hospital era triste «e cheia de gemidos, durante a noite «a mãe contara que a visinha pró«xima, aquela que estava na cama «do lado com uma touquinha na «cabeça, costumava ter sufocações» «e gritava com falta de ar! Outras «doentes morriam ali mesmo ao pé, «às vezes a chamar pelo marido e «pelos filhinhos... Quando apaga«vam as luzes e só ficava acesa a «lâmpada encarnada, a mãe sen«tia-se pior do que nunca — dizia «ela — e pensava no que estariam «fazendo as suas filhas, as duas «quase sòsinhas neste mundo»! E «punha-se a chorar baixinho de «encontro à almofada, porque as «doentes não podiam fazer barulho, «a não ser aquelas que já estavam «muito aflitas com a agonia.

«Ah! sim! Para ela era melhor «voltar para a sua casinha. Erme«linda havia de comprar um ramo «de flores para pôr a Nossa Senhora «e trazer para dentro de casa os «vasos de aspedistas que se criavam «no páteo. E o que diria o Pai «quando visse que a mulher não «tinha cura?»

Ermelinda, naquela noite feia, de inverno, meditava e ia rezando ao mesmo tempo como se conversasse com Nosso Senhor.

Havia um instante que lhe parecia estar a ouvir um ruidosinho de serra, vindo da parte de fora e se repetia ali perto por baixo da janela — devia ser um rato — pensou. De novo tudo caiu em silêncio. Ermelinda não queria assustar-se, — coitados dos ratos têm o direito de governar a vida — e continuou a rezar. Ela tinha coragem. Precisava de ter coragem para que a Cenita nunca a visse lastimar de ter perdido o seu ano no liceu, nem tremer, ou chorar. Ela e a irmã estavam ali em casa sózinhas, porque o pai fôra agora transferido, para a esquadra do Montijo e só aos sábados, quando não calhava ficar de serviço, então é que vinha vê-las...

Um ruido mais estranho misturou-se com o rodar de uma carroça que passava na rua. As galinhas cacarejaram no pátio mas tudo isto foi rápido e a noite parecia de novo tranquila.

Nos minutos, que se seguiram, só o coração de Ermelinda poderia anunciar, como badalo de um sino, o alvoroço do seu espírito desassossegado, mas ninguem no prédio se inquietou ou pareceu desconfiar dêsse nada. Havia de ir incomodar os vizinhos só porque a noite estava escura e porque ouvira remexida no pátio?

Naturalmente eram gatos...

Sim, os gatos gostavam de lançar os seus olhos brilhantes através das grades da capoeira e a criação assustara-se.

Ermelinda pouco a pouco foi deixando de pensar, parecia-lhe que sonhava.

Voltou a carinha para o outro lado e adormeceu.

. . . .

Era sábado. As alunas tinham «Mocidade». Fizeram ginástica e ficaram bem dispostas para o canto coral.

Madalena não era afinada. A Sr.ª D. Júlia dizia invariàvelmente que *daquele lado* havia uma *cana rachada*. Contudo, Madalena, quando ouvia aquela cantiga da:

A saia da Tia Anica
E' verde côr de limão
Ai sim, Marianinha, ai sim
Ai sim, Marianinha, ai não,

era incapaz de se conter. O saracotear da saia, o desentaramelar da lingua ao qual a cantiga obrigava, davam-lhe prazer. As companheiras acotovelavam-na, deitavam-lhe olhadelas furibundas por causa daquele sarapatel.

A seguir cantaram o hino:

Mocidade Lusitana
Herdeira de Portugal...

Madalena parecia ter recebido ordem para acudir a um fogo. Os versos fugiam à música e era ouvi-la gritar:

Arraial! O' Lusa gente!

A Sr.ª D. Julia parou, horrorizada com a desafinação.

— Atenção! — disse ela — voltemos ao princípio!

— Ao princípio? — murmurou Madalena entre dentes — posso lá! Tenho de ir ver as galinhas. O que terão feito as galinhas a esta hora? Assoprou ela a meia voz à Maria Antónia que estava quase em frente.

— Quais galinhas — perguntou a companheira do lado.

Arraial! Qu'alerta está!
Quem por bem salvará Portugal!

Abriram-se as portas e o bando cantor dispersou-se harmonioso, trauteando ainda os últimos compassos da marcha!

Madalena correu pelo corredor fora até encontrar a empregada.

— Onde estão as galinhas?

— Venha cá, menina. Já me entregaram mais uma.

— Mais uma? Formidável? Quem foi? Como havemos de as levar? Tem uma alcofa, Sr.ª Joana? Metemo-nos num táxi... Maria Antónia, estamos cheios de sorte, continuou Madalena, deitando um rápido olhar à condiscipula que a seguira. Três bicos que se vão encaixar dentro da alcofa da sr.ª Joana!

— Quem trouxe a terceira galinha, Sr.ª Joana? — perguntou a Maria Antónia.

— Foi a 124 uma pequena alta, alourada — declarou a empregada.

— E' a Tereza Matos. Vou perguntar se ela quer vir connosco, espera um instante.

Maria Antónia pediu a uma das condiscipulas, que saía, para lhe mandar um táxi e daí a pouco as três raparigas paravam à porta da Ermelinda.

. . .

Uma hora da tarde. Uma pancada à porta da rua.

— Quem é? — pergunta a vozinha fraca da Lenita.

— Três galináceos, — responde lá de baixo a voz da Madalena.

A pequena olhou ainda desconfiada antes de puxar o cordão da porta da rua, mas a sua rica carinha ingénua abriu-se num sorriso de flor.

— O' Ermelinda! São as tuas amigas!

Maria Antónia subia à frente. Aprumada e fina, delgada e elegante, como uma haste de gladíolo. A casinha pobre parecia agora possuir uma pintura rara.

Atraz dela, surgia a cara redonda e corada de Madalena e ainda a da outra pequena alourada, a 124 como dizia a empregada.

Ermelinda, surpreendida pelas visitas, não deixou de lançar uma vista pela casa. Parecia-lhe que tudo estava arrumado e limpo... Mas mais surpreendida ficou, quando Madalena, comovidíssima e muito excitada, lhe entregou da parte de três condiscipulas a alcofa verde onde espreitavam três cristas de um vermelho muito vivo. O que queria dizer aquilo? Ermelinda afigurou-se-lhe estar indecisa, como se acabasse de despertar de um sonho. As galinhas vinham substituir aquelas que lhe tinham sido roubadas nessa noite horrivel, quando ela dentro da cama tiritava de susto com o coração aos pulos?

As suas galinhas! Era certo. Eram suas, eram, presente das suas amigas.

As lágrimas arrazavam-lhe os olhos. Não eram lágrimas tristes desta vez. De novo, teria ovos frescos para levar à Mãe, de novo a Mãe poderia ter caldos nos primeiros dias, quando voltasse fraquinha e nunca lhe havia de dizer que as outras galinhas tinham sido roubadas.

Uma grande nuvem de carinho envolvia as quatro pequenas amigas e cada uma delas sorria sem adivinhar afinal, qual era a mais feliz de todas!

(Continua)

UM ABECEDÁRIO VITAL

QUEM quere que se debruce do titulo sobre estas linhas cuidará, talvez, que se alude aqui a novo método de classe infantil para ensinar crianças a soletrar a lingua pátria. Nada disso. O enigma deste *abecedário* de interesse vital, e que tão apaixonadamente seduz a investigação moderna nos dominios das ciências naturais, bem depressa o desfará uma palavra mágica, de sabor biológico e misterioso conteúdo: *Vitaminas!*

Hoje em dia não há ninguem que não fale de Vitaminas; por isso de tal modo se difundiram, que quase se popularizaram. Do recinto sagrado dos laboratórios e livros ou revistas cientificas, as Vitaminas passaram aos fascinantes rótulos de mil e uma especialidades farmaceuticas.

«Tome Vitaminas!», *«Ora, deixe-se de coisas; o que lhe falta para ter saude, é uma boa dose de vitaminas!»* Isto ouve-se a cada passo. E não é só na boca autorizada de ilustres clínicos. Qualquer pessoa receita vitaminas ao vizinho, louva com fecunda adjectivação as vitaminas, e de mau grado aceitará remédio em cujo formulário não lobrigar antes, curiosamente, a garantia optimista das preciosas vitaminas...

Como as vitaminas actualmente conhecidas são já numerosas, a necessidade de as distinguir levou a designá-las muito oportunamente por letras do alfabeto. Dai o curioso *abecedário vitaminico*: Vitaminas *A*, Vitaminas *B, C, D, E, F. K, ...P.*

Vem já de há muitos anos o uso terapêutico do famoso *óleo de figado de bacalhau*, tão vulgarizado como medicina caseira que a solicitude das mamãs sempre proporciona aos filhitos quando os vêem pálidos e enfraquecidos. Porquê tamanha fé na virtude curativa desse óleo repugnante ao paladar? A resposta não seria fácil antigamente, mas a excelência comprovada dos resultados bastava para assegurar a constância do seu emprêgo. E as crianças, com mil caretas e talvez muitas lágrimas, tapando còmicamente o nariz e abrindo a custo a boca, lá enguliam a colherada de óleo. Afinal sabe-se hoje perfeitamente que a eficácia do óleo de figado de bacalhau (como tambem o de atum, salmão, cavala, etc.) resulta da sua riqueza em Vitaminas. Chega mesmo a afirmar-se que o óleo de figado de *atum* é 500 vezes mais rico, que o de bacalhau, em Vitaminas *A*.

Alimentos tão comuns como o arroz, batatas, couve-flor, alface, tomates, ovos, leite, manteiga, carnes animais, peixes e tantos outros, podem fornecer-nos as necessárias vitaminas.

E' ao investigador Casimiro Funk que se devem, ao que parece, os primeiros resultados verdadeiramente cientificos sôbre este assunto. A's misteriosas substâncias orgânicas por ele isoladas da casca do arroz, e cuja ausência no organismo humano ou animal provoca determinadas enfermidades de carência — *avitaminoses*, atribuiu o nome afortunado, embora quimicamente inexacto de *Vitaminas*.

O abecedário vitaminico tem-se enriquecido notàvelmente. Está já de posse de umas dez letras, que por vezes abrangem um còmplexo de vitaminas diferentes, mas englobadas na mesma familia.

Da carência de *Vitamina A*, resulta a Xeroftalmia, terrivel doença dos olhos, ordinàriamente precedida por característica debilidade visual tão acentuada que de noite, ou mesmo à luz crepuscular, se anula ou deminue intensamente a vista. Contudo a dose diária de 6 miligramas desta vitamina basta para as necessidades de qualquer pessoa adulta.

A *Vitamina B*, acha-se diversificada pelo menos em B_1, B_2, B_3, B_4, B_5, B_6. E' a ausência da Vitamina *B*, que provoca a conhecida doença *beribéri*, que, sobretudo no Oriente, causou grande mortandade em séculos passados, e alastrou ainda até aos nossos dias. Esse mal era devido à predominante alimentação de arroz decorticado, isto é, sem pericarpo, e por isso mesmo em obrecido em vitamina *B* (Aneurina).

Anda na história dos descobrimentos maritimos a aterradora descrição da enfermidade conhecida por *Escorbuto*, que dizimava as tripulações das naus castigando duramente a audácia aventureira da marinhagem. Ao escorbuto, consequência, afinal, da escassez de *Vitamina C* no organismo, já se referia o nosso Épico em estrofes doloridas do canto V dos Lusiadas:

«E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desempararão
muitos a vida . . . .
. . . . .
Que tão disformemente ali lhe incharão
As gingivas na boca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia.»

A suspeita um tanto fundada de cura, graças ao consumo de laranjas, deve-a ter tido já o próprio Vasco da Gama que proporcionava, talvez bem intencionalmente, essa fruta aos seus homens. Hoje em dia sabe-se que nas Citráceas (laranja, limão) abunda a Vitamina *C*.

A dificiente calcificação óssea, tão manifesta no raquitismo de muitas crianças, ordinàriamente não é senão uma avitaminose resultante da falta de *Vitamina D*, da respectiva *pro-vitamina* proporcionada por certos alimentos.

Tem merecido particular atenção aos investigadores a *Vitamina E*, frequente nas gorduras animais, legumes, cereais, etc., e cujo interesse anda relacionado com fenomenos de esterilização.

Há uma doença hereditária — a *Hemofilia*, que se transmite através da mulher, mas só afecta aos homens. Consiste numa precária coagulação de sangue, devida à carência de *Vitamina K*. O sangue não chega a coagular, ao contacto do ar, como ordinàriamente sucede em organismos sãos, porque o fibrinogénio se não transforma em fibrina. A Vitamina *K*, abundantissima nas castanhas da India, existe tambem, mas em menor quantidade, na couve-flor, tomate, etc.

E talvez alguém pergunte agora: Qual é então o papel funcional das vitaminas? Levar-nos-ia longe demais a solução pormenorizada do enigma vitaminico. Baste, para já, dizer que as Vitaminas actuam no organismo como *bio-catalizadores*, isto é, são substâncias que por simples acção de presença favorecem determinadas reacções quimicas sem tomar parte nelas. Intervêem no metabolismo orgânico como estimulantes e reguladores da vitalidade celular. Para se verificar o seu influxo, bastam doses infinitesimais. E' tanto assim, que a unidade de medida adoptada para as vitaminas, — o *gamma*, não excede a insignificância de 1/1.000:000 da grama!

Há contudo nas vitaminas uma caracteristica bastante geral, e talvez absoluta: não se originam no organismo animal que as aproveita. O homem e os animais têm de ir buscá-las a uma alimentação apropriada. Seria, porem, erro muito grosseiro supor que as vitaminas constituem por si só um *alimento concentrado*... No decurso da última guerra, contudo, para assegurar a riqueza vitaminica aos paraquedistas e combatentes, forneciam-se-lhes especiais preparados de vitaminas em forma de bombons e tabuletes de chocolate.

Mercê de aturadas investigações laboratoriais, conhece-se já a natureza e constituição química de numerosas vitaminas. Conseguiu-se mesmo chegar a prepará-las sintèticamente, garantindo-se com este triunfo a sua mais ampla e eficaz difusão terapêutica. Nos Estados Unidos fabricavam-se, em 1925, produtos vitaminados no valor de 340.000 dólares. Actualmente a cifra deve andar por 200.000.000 de dólares!

A descoberta de vitaminas constitue uma grande conquista da ciência. Não quere isso dizer que os nossos antepassados vivessem privados delas, já que são indispensáveis à vida, e tão abundantemente proporcionadas pela ordinária alimentação ao homem.

VITAMINAS! Mais uma maravilha do mundo orgânico lobrigada na misteriosa intimidade dos fenómenos vitais. Como não há-de o espirito humano, em religioso assombro, erguer até DEUS o hino de louvor à Sua liberalidade criadora!

J. C.

Noivas

QUAL VAIS FAZER?

Com o frio que temos tido, a única coisa que apetece fazer são os «tricots».

Damos-te hoje dois modelos; um para o inverno e outro já para a primavera.

As malhas usam-se todo o ano, depende da qualidade e espessura do fio e dos modelos, e são, alem de muito confortaveis, as peças de vestuário que menos passam de moda.

As camisolas e casacos de lã são muito práticos pois nunca se engomam. Em regra, dever-se-ia usar sempre uma blusita por baixo da camisola, isto por 3 razões.

1.ª — Porque por muito grossa que seja a lã a malha é muito permeavel ao vento frio que de inverno tanto sopra na nossa terra.

Torna-se pois muito mais confortavel usar, sob a camisola, qualquer velha blusita.

2.ª — Por uma questão de higiene. Usando uma blusa interior rente ao corpo evitaremos sujar a camisola. Poderemos lavá-la constantemente, o que não fariamos á camisola.

3.ª — Por economia. A camisola usada rente à pele tem fatalmente que ser lavada a miude e nada estraga tanto as malhas como a lavagem.

Para a vida moderna nada mais prático do que uma camisola.

Qual vais fazer, Paula?

M. B.

Inverno (1)

Lã grossa de 4 fios. Azul marinho, 400 grs. Lã beige claro, 200 grs. — 30 grs. de lã vermelha. Agulhas de 3 1/2 milímetros.

Pontos empregados: Ponto de meia (1 volta do direito outra do avesso) Ponto "Jacquard". Este ponto «Jacquard» é feito no «ponto de meia» utilisando alternativamente uma ou outra lã, segundo o desenho, com as malhas contadas.

As lãs passam horisontalmente pelo avesso do trabalho, dum desenho ao outro. Ter-se-á muito cuidado em deixar as linhas folgadas. Ficando esticadas, ao vestir resultariam mal por puxarem aqui e ali.

Para a execução consulte o esquema do desenho (2). O azul é em ponto «jacquard»; o fundo é beije, e a cruz central é bordada a ponto de cruz sobre o fundo beige.

Na frente direita fazer uma *casa*, 20 cent. a contar de baixo, e as outras a 10 cent. de intervalo.

As costas e as mangas são azul marinho.

Depois de cosido o casaco, coser-se-á em redor uma barra dobrada em *ponto de meia* azul marinho.

1

2

4

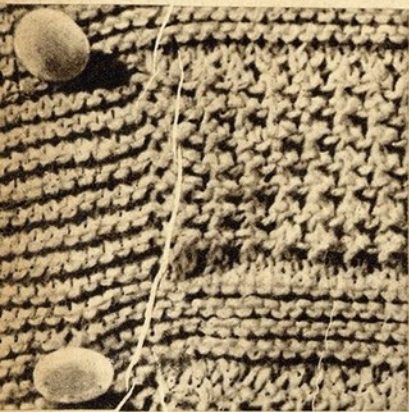
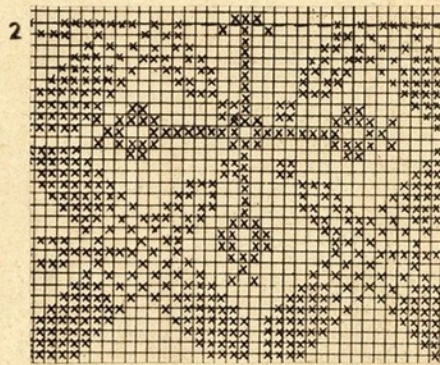
3

Primavera (3)

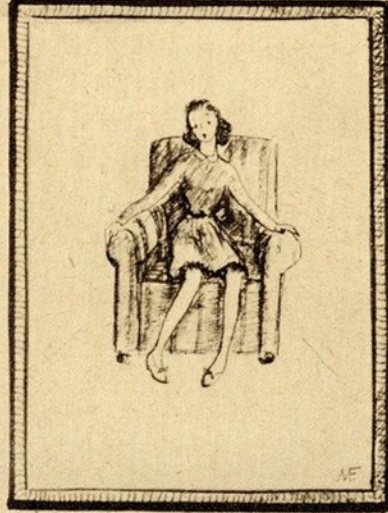
Lã branca de 3 fios, 350 gramas. Agulhas de 3 mm. Pontos empedrados: — Ponto de Liga (trabalhe sempre do direito) e Ponto de Fantasia: — Trabalhe todos os renques do direito (como quem faz ponto de meia) mas cruzando cada 2 malhas. Isto é: faça primeiro a 2.ª malha depois a 4.ª, depois a 1.ª antes da 3.ª e sempre assim seguidamente.

O ponto de Fantasia faz-se em tiras de cerca de 5 centímetros.

O cós é feito em liga, bem justo, e fazem-se uns aumentos antes do Ponto de Fantasia para dar à blusa um pouco de largura.

Em seguida ao cós em Ponto de Liga, a frente é trabalhada em duas partes. A abertura e a gola são em ponto de liga (4).

QUE FEIO QUADRO!

Pentear-se em público

Sentar-se sem compostura ou com os pés metidos para dentro

Assoar-se e olhar depois para o lenço

Pôr-se à janela de roupão e por pentear

Puxar pela cinta que subiu

Fazer gestos pretenciosos com as mãos

VÁRIOS ASPECTOS DA SERRA DA ESTRELA NO INVERNO

TENTAÇÃO DA NEVE

TEM a natureza dois encantos a que ninguem pode resistir. De um deles falaremos mais tarde — o mar. Há de facto qualquer coisa de magnético no infinito azulado que o vento criva de fugidias pregas ou de alterosas ondas, e onde o Sol se espelha orgulhoso. O outro é a brancura imaculada da neve.

Se alguem pudesse ainda duvidar do seu estranho poder atractivo, bastaria ver como Lisboa a recebeu, há dois anos, quando ela nos cobriu os telhados dum lençol alvissimo que o calor dos raios solares progressivamente foi desfazendo, para que toda a dúvida se desvanecesse.

Ninguem esqueceu ainda os comboios apinhados de gente que partiam em direcção a Sintra, cuja serra apresentava inesperados aspectos. Pois se até houve, quem em Monsanto se entregasse ao prazer do «Sky»...

A verdade porem é que o nosso clima não é o mais indicado para a prática dos desportos de neve. Não quer isto dizer que eles sejam de todo desconhecidos...

Todos os invernos a Serra da Estrela se cobre de densa camada de fôfa neve branca, que sequiadores percorrem livremente em mil e um sentidos.

Nunca sentiu bem toda a imensidade, toda a beleza, tudo o que a natureza tem de verdadeiro, de extra-humano, quem nunca esteve entre o azul-claro do céu e o branco brilhante da neve. Está-se mais perto do infinito, mais junto de Deus. Tem-se uma estranha sensação de liberdade. Parece-nos que o Mundo começa e acaba ali, se encontra em nós, somos nós mesmos!

Por isso todos os anos se assiste a uma corrida para a Serra, em insaciável demanda do interminável manto que o inverno anuncia.

Formam-se grandes grupos onde nunca faltam as raparigas, emprestando-lhes a sua alegria, a sua vivacidade, tal como as coloridas flores a transmitem à uniforme e verde erva.

Os mais treinados entram em provas a sério. Alinham todos para a partida. Grandes números negros sobre quadrados de tela branca, a ornar-lhes as costas e o peito. Largar!...

...e todos se lançam na pista gelada sobre os dois esguios patins do «sky». O ar fresco corta-lhes as faces, que o frio vai tornando mais e mais rosadas.

...E ganhou... As palmas soam quentes apesar duns quantos graus negativos. Os espectadores festejam alegremente vencedor e vencidos, que afinal todos ganharam... até os que não correram!

Enquanto os mestres se lançam em loucas correrias em busca de louros desportivos, os amadores ainda verdes na matéria estatelam-se de minuto a minuto, embrulhando-se inexplicávelmente nos patins. Não, não percebem bem como será possivel a um ser humano equilibrar-se naquela pavorosa engrenagem... Mas afinal há quem anda naquilo... E' como quem começa a andar de bicicleta e não acredita que uma aparelhagem com rodas tão fininhas se aguente de pé! Mistério!...

Claro que os tombos fazem as delicias dos espectadores e dos fotógrafos. E quanto mais aparatosos, melhor... Até os próprios que caiem acabam sempre por achar graça!

Um dos pontos obrigatórios para quem vai à Serra da Estrela é uma visita conscienciosa à conhecida torre dos sete metros. Se há em Portugal ponto que tenha sido alvo das objectivas fotográficas, esse ponto é aquela falsificação que atinge os dois mil metros.

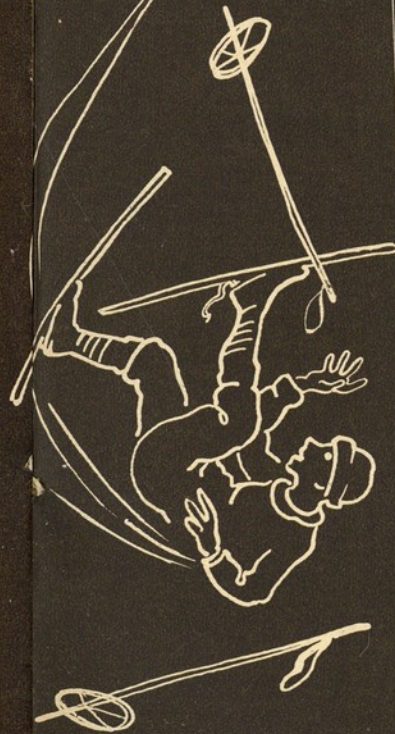
Tambem é sempre possivel arranjar um grupo mais ou menos numeroso, esplendidamente parados, solidamente apoiados aos «sky», e procurando convencer-nos de que sabem perfeitamente como se anda na neve!

Alguma de vocês não sentiu já o desejo de correr montanha a baixo, sôbre um macio e branco lençol, o vento refrescando-lhe os cabelos?

Alguma de vocês não sonhou já com enormes e disformes bonecos de neve, com batalhas em que bolas branquinhas fazem de projécteis e vocês mesmas de alvos?

Ah! Se todas as batalhas fossem como estas que acabam sempre em gargalhadas francas e puras. Se todas as tentações fossem como a da neve, que só fortalece, que só revigora, que só é saudável!...

Quem não desejaria que tudo fosse neve?...

João Mendes Leal

CAMPANHA DE AMOR À VERDADE

Conheces a parábola do Publicano e do Fariseu. O Fariseu, perto do altar, comprazia-se nas suas virtudes: não era como os outros homens, nem como aquele Publicano que lá ao fundo do Templo implorava a misericórdia do Senhor — era cumpridor e justo!

Mas o Senhor não confirmou a sua justiça. A verdade não está na alma do orgulhoso que não se conhece a si mesmo.

E foi o pobre Publicano, a quem o conhecimento da sua miséria mantinha afastado do altar, que voltou para casa justificado.

. . . .

Procura conhecer-te a ti mesma para viveres na verdade. Embora essa verdade não seja muito brilhante, a mentira com que a ti mesma te enganas ou procuras iludir os outros, é mais desagradável que os teus próprios defeitos.

Sê leal contigo mesma e com Deus. Reconhece as tuas deficiências, toma consciência delas para te manteres na verdade, mas não andes a apregoá-las, que podes ir cair na mentira!

Li há muitos anos umas palavras de S. Francisco de Sales que jámais me esqueceram porque correspondem perfeitamente ao sentido da verdade em que devemos viver: «Não baixemos nunca os olhos, senão humilhando o coração».

Nunca tomes atitudes de fingida humildade. Olha a direito; olha para o alto; quando baixares os olhos, põe-te de joelhos diante de Deus.

Não falar de nós, nem em bem, nem em mal, desde que nisso não haja utilidade, é a grande regra. Descansa, que o bem é como a luz, que mesmo escondida, nunca fica de todo oculta.

Não te julgues também na verdade quando recusas prestar serviço dizendo que não és digna, que não és capaz...

Sê sincera; não será antes preguiça ou amor próprio?

Pensar ser superior aos outros, é sair da verdade; mas aceitar a nossa parte de trabalho e responsabilidade com simplicidade e confiança, é ficar na verdade; aquela verdade que nos levará a trabalhar como se tudo dependesse de nós e a confiar no Senhor como se tudo dependesse só d'Ele.

Serás capaz, se quizeres. Para isso não é preciso julgares-te sábia e perfeita. Basta que sejas leal contigo mesma: reconhecendo o que te falta, mas tambem o que recebeste de Deus.

Foge da mentira que aparenta humildade.

Não digas que não podes, que não sabes, que não prestas para nada, tu que te indignarias se alguém to dissesse!...

Não digas mal de ti para que te louvem.

Não te escuses para te fazer rogada.

Não fujas para que corram atrás de ti.

A verdade não é nada disto! Tudo isto soa falso.

A verdade é a boa vontade prática de quem se esquece a si mesma para se dar — por bem...

Maria Joana Mendes Leal

DA ARTE CRISTÃ

À concepção objectiva a que a arte clássica greco-romana chegara opôs a revolução cristã a sua arte subjectiva. Aquela atingia o seu fim no delírio do helenístico e limitava o seu campo no retrato individual romano; esta, ainda nascente, visando um fim total, não podia firmar-se e aparecer logo. O cristianismo não negava o papel da Arte na vida dos povos; procurando a sua expressão própria, estudava a nova forma necessária, não podia contudo deixar permanecer, entre os seus adeptos, a arte do mundo morto.

E' costume chamar-se a este período do cristianismo nascente como a noite negra da arte, pondo-o em paralelo com o nivel superior a que havia chegado o que lhe estava imediatamente antes: o periodo clássico. Mas se é uma opinião fácil de dizer-se, analizada serenamente se verá que peca por falta de visão geral e de serenidade no julgamento.

A revolução cristã era uma revolução total, em que predominava o espírito. Não era por incapacidade, não era por desconhecimento, que ela não continua, retomando-a, a tradição artística grega ou romana. E' que nestas o fim em vista era o da perfeição da forma, que souberam dominar, e onde se atingiram criações de rara beleza; mas nisso, estava precisamente a sua condenação, pois consagrando a beleza corpória, se prestava ao renascimento do culto pagão da forma, nas gentes incultas que era a grande massa de então. Tinha que se criar uma nova visão de arte — que traduzisse a perfeição do espírito — obra que não podia aparecer instantâneamente, mas seria o fruto de demorados estudos e penosas meditações e canseiras.

★

Um dia surge em maravilhoso pontifical de formas e aparece magnificamente numa liturgia de linhas, cores e volumes, na Arte Bisantina. Nascera a Arte Cristã.

Nela a forma imediata é substituida pela ideia, o objecto pelo símbolo, o real pelo sensivel.

Ao cimo e ao alto, dominando tudo e todos, pela posição, pela escala do tamanho, pela composição, o criador — o Pantocrator — seguindo se em escala descendente, a Virgem, os Anjos, os Apóstolos, os Santos, etc..

Uma rudeza, propositada, no tratamento da forma, mas uma riqueza, qualquer coisa de novo, na profundidade do olhar, jamais atingido antes...

Depois o românico. Depois o florescer divino do gótico.

São as paredes enchidas pelas pedras policrómicas dos mosaicos ou pintadas pelos fresquistas, onde os mestres pintores e discípulos anónimos plasmavam o Antigo e o Novo Testamento e toda essa sonhadora teoria de que o *Flos Santorum* é o documento escrito.

São as grandes janelas rasgadas, que os artistas vitralistas cobriram de rutilantes páginas bíblicas...

Nunca a Arte atingira um nivel tão elevado como meio de cultura geral. As paredes dos templos eram verdadeiros livros abertos que toda a gente sabia ler.

★

Dá-se um corte brusco neste caminhar com o retorno ao pensamento greco-romano da perfeição objectiva da forma. Surge o Renascimento na arte, que morre no delírio caprichoso de linhas e de volumes do Barrôco.

Perdida a tradição da Arte Cristã com estas novas formas, veio o renascimento a cair na negação do próprio princípio religioso que presidia aquela, na arte religiosa de que o academismo, no século passado e neste, foi o senhor absoluto e depois, lògicamente, entregou nas mãos dos curiosos, dos amadores e dos santeiros.

Só com a revolução modernista se vem retomando, não sem grandes dificuldades, o caminho perdido. Dos dois caminhos que a Arte têm tomado através dos séculos — o objectivo e o subjectivo — pertence na verdade a este o direito de ser o detentor da verdade cristã no campo da arte.

Ainda em nossos dias essa arte decadente invade as casas e os templos. Felizmente que se começa a olhar a sério por tão grave problema e a ser compreendido o verdadeiro sentido da arte cristã.

★

É bem dentro dele que se encontra a escultura de São João de Brito que o estatuário Salvador Barata Feyo esculpio, engrandecendo a Arte numa criação que dispensa elogios, tão forte é a sua afirmação.

E' bem o missionário da Companhia de Jesus martirizado em 4 de Fevereiro de 1693, fidalgo de nascimento, que percorre o Maravá na missão divina de lançar bençãos e o santo sacramento do baptismo: nele só existem a expressão do olhar e as mãos que baptizam e abençoam. Numa simplicidade de viver austero, o gesto de sua mão diz benção, mas tambem diz súplica e diz perdão e caridade; a vieira que segura na outra mão é símbolo de baptismo, marca de peregrino e motivo heráldico.

Esta imagem, esculpida em madeira, ainda neste ano de 1947, que comemora o 3.° centenário do nascimento do Beato João de Brito, será colocada num templo do Porto.

A. Pires da Veiga

Notas biográficas do Beato João de Brito

Nasceu na freguesia de Santo André, de Lisboa, em 1 de Março de 1647, filho do fidalgo-cavaleiro Salvador de Brito Pereira e Dona Beatriz Pereira.

Entrou na Companhia de Jesus em 14 de Dezembro de 1662.

Partiu para a India em 15 de Março de 1673.

Foi degolado, vestindo a roupeta de jesuita, em 4 de Fevereiro de 1693.

Foi beatificado, por S. S. o Papa Pio IX, em 21 de Agosto de 1853.

1 e 2 — Sinos de Santa Maria

Os Sinos de Santa Maria

Toda a crítica deve rasgar horizontes de beleza; é esta a função mais nobre da crítica, a sua missão primária, que não exclui necessàriamente aquela outra, subsidiária, sem dúvida, mas imprescindível: a de anotar defeitos que prejudicam a beleza total de qualquer obra de arte.

No caso especial da crítica de filmes será talvez mais natural usar duma crítica pedagógica, chamemos-lhe assim, que aponte defeitos e vícios que estão na raiz do filme, estragando-o no conjunto.

Seja como fôr, tentaremos sempre, porque o cinema nos interessa como arte do nosso tempo, uma crítica que não desprezando os aspectos da técnica, olhe sobretudo aos conteúdos estéticos e humanos do filme.

Tentaremos uma crítica formativa do espírito, isto é, uma crítica que nos habitue simultâneamente à beleza, abrindo-nos a alma a todo o testemunho artístico, e uma crítica, que, pondo a nu mazelas e outros defeitos, nos ajude a discernir a arte da mentira «artística».

Queremos ainda fazer uma crítica que não atenda apenas aos valores estéticos duma fita desprezando os valores éticos: condenaremos desassombradamente as misérias dos filmes que amolecem as vontades e aviltam consciente ou inconscientemente as almas.

. . . .

Iniciamos esta série de artigos, subordinados à rubrica «Cinema» com a crítica dum filme que justifica quase totalmente as esperanças postas no cinema.

Quer do ponto de vista técnico, puramente cinematográfico, quer do ponto de vista interpretação, quer ainda sob o aspecto «conteúdo», «Os Sinos de Santa Maria» é filme que está à altura duma produção de cinema autêntico. Bastava-lhe, se não tivesse outros méritos, essa artista extraordinária que é Ingrid Bergman (embora, em verdade, não chegue uma artista para salvar um filme — mas... não é este o caso).

Assisti nos últimos tempos à apresentação de três ou quatro filmes que fazem viragem brusca na produção que estávamos habituados a ver.

Vimos a «Canção de Bernardette» onde o jôgo fisionómico de Jenniffer Jones nos deixa adivinhar a acção da graça num coração humilde e puro. A «Canção de Bernardette», excluindo o pormenor holiodesco da Senhora a pestanejar (era desnecessário que o espectador visse a aparição) seria um dos melhores filmes dos últimos tempos.

Depois «As Chaves do Reino»: Gregory Peck despertava as energias duma humanidade habituada a moles comodismos com a sua criação de missionário, homem cristão que se dava por amor dos homens; não fôsse a motivação que determinava a sua decisão de ser missionário, viciando uma vocação sacerdotal, e o filme seria quase perfeito (este quase refere-se a certas americanices toleráveis).

Seguiu-se «O Bom Pastor» e Bing Crosby incarnou o papel

CINEMA

As características do nosso tempo são a máquina, que é na sua expressão mais acabada o triunfo da técnica e o movimento--dinâmico, que no expoente mais elevado conduz à superficialidade dispersiva.

O cinema fundamentalmente é uma amálgama destas duas características: máquina e dinamismo; e como tal, correspondendo quase absolutamente às coordenadas do nosso tempo, é arte para o grande público, para a massa. Mas só é arte na medida em que, aproximando-se do teatro, embora com características próprias, é humano; doutro modo o cinema reduz-se ao aperfeiçoamento de aparelhagem, à técnica, e tôda a técnica não vivificada por cultura ou humanidade é letra morta, barbárie pura.

Eis porque da «avalanche» de produções, que a indústria cinematográfica nos dá, se apontam a dedo os filmes que sejam cinema verdadeiro. Na maioria dos casos estamos diante de productos em série da mecânica industrialização duma pseudo--arte.

Neste caso se enquadram os mil e um maus filmes de cow-boys, sempre a repetição, mais ou menos alterada de processos já gastos, de truques estafados.

Neste caso ainda se arrumam as séries de fitas, onde o mau gôsto se estadeia nos beijos holiodescos e em parvoíces quejandas.

Nesta mesma alínea se podem incluir também as fitas banais, romances de amores, fulminantes e lânguidos em que «êle» e «ela» se juntam sempre, sejam quais forem os obstáculos. Não se olha a situações criadas, a verosimilhanças ou lógicas, a moral ou decência, o que interessa é que o público vá consolado, porque coitadinhos êle e ela lá ficaram juntos... O cinema é assim um género-consolação, rebuçado agradável que os espectadores chupam... E nesta altura o cinema que já não é arte (na maioria dos casos, pelo menos, não o é) será apenas divertimento nocivo, pela deformação que cria no público.

Nem o educa artìsticamente porque não vale como obra criada em beleza ou verdade; nem o educa moralmente, porque olha apenas a sentimentalismos sem atender a uma conduta séria da vida.

O cinema nestes contactos de produção em série com o público é apenas instrumento barato, que amolece vontades, passa-tempo quase desagradável, porque lhe falta a verdade ou a beleza, que dão humanidade à arte.

Seja como fôr, encarando de frente as realidades, a verdade é que o cinema é uma arma, é uma fôrça... e como todas as armas pode aviltar-se numa luta mesquinha em favor de causas injustas.

O cinema actua, directamente, pela imagem, sôbre a assistência; urge que uma crítica cerrada mate de vez os monstros-películas, cuja acção deletéria se faz sentir, infiltrando-se no público.

Queremos cinema que seja arte e não comércio; queremos cinema que seja vida e não mentira.

NOTÍCIAS DA M.P.F.

Vila Real — Sessão solene no «Dia da Mãe». Entrega do prémio

Vila Real — Exposição de berços e enxovais

Vila Real — Entrega de enxovais

Vila Real — Imposição das insígnias às graduadas

Vila Real — Curso de Dirigentes do Magistério Primário

Vila Real — A 1.ª aula do Curso de Dirigentes do Magistério Primário

dum sacerdote bem disposto, que utilizava os meios vulgares de convívio e os dons que Deus lhe dera como meio de conquista. «Os Sinos de Santa Maria» com Ingrid Bergman em Irmã Benedita e Bing Crosby em o Padre O'Malley são a história simples do amor duma religiosa ao seu colégio e a renúncia que, em espírito cristão, faz dêsse amor. Há um clima intenso, sobretudo na segunda parte do filme, de viva espiritualidade; é o amor das almas e a experiência pedagógica, norteada por um ideal cristão que fazem de Irmã Benedita uma religiosa consciente.

Para aceitar corajosamente a sua transferência, que é o desapêgo das coisas efémeras, e o arrancar dali o coração que se dera muito às crianças, Irmã Benedita encontra a fôrça dos heróis e dos santos — Deus.

Todo o filme é um banho de espiritualidade segura, de sentido de justiça, de humanidade.

O Cinema assim purifica-nos, dá-nos a certeza de valores transcendentais que ultrapassam as angústias e incertezas, as dúvidas cruciantes e a loucura dos nossos tempos.

«Os Sinos de Santa Maria» têm em Ingrid Bergman na personalidade da Irmã Benedita a sua maior glória — é que a Irmã Benedita é profundamente humana.

O Padre O'Malley que Bing Crosby interpretou equilibradamente revela-se-nos sobretudo nos últimos momentos do filme.

Há fundamentalmente dois travejamentos na fita — o episódio — fio condutor da acção, de Mr. Bogardus (talvez a parte mais fraca do filme) e as desinteligências do padre O'Malley e a Irmã Benedita, prolongando-se este outro fio condutor na acção pedagógica da religiosa, e finalmente a sua heróica aceitação dos factos, como vontade de Deus.

Disse que me parecia mais fraco o primeiro travejamento e fundamento-me para tal nas cenas em que Mr. Bogardus resolve fazer o bem, algo caricaturais, e portanto ridículas.

Alem disso pareceu-me que a primeira parte do filme era talvez menos séria, (necessidade de penetração, de agradar ao público?) havendo certas cenas risíveis em demasia, por exemplo a do sentar e levantar do padre O'Malley na reunião com as madres do Colégio, e ainda a partida do gato brincalhão, quando nessa mesma altura se dirige às freiras.

Finalmente para anotar os senões — julguei ler na última parte, numa das legendas finais que fora a irmã Benedita quem compusera uma nova letra para o hino do Colégio, letra esta que O'Malley ignorava. Logo, como é que é este que o canta? Incoerência ou má tradução, defeito portanto da legenda?

Numa palavra, «Os Sinos de Santa Maria» é filme que honra a indústria e arte cinematográficas, embora, talvez em virtude da propaganda feita, esperássemos outra coisa. Seja como for (este outra coisa refere-se apenas a certos aspectos do filme) «Os Sinos de Santa Maria» valem, sobretudo, como testemunho de um cinema que sem deixar de ser arte é despertador de energias, de santidade e heroísmo.

E toda esta produção que vem fazendo viragem na banalidade das fitas habituais é com certeza fruto de uma mentalidade, índice de que o homem, cansado da guerra e de coisas vãs, exige que a tela lhe forneça motivos de elevação.

O cinema que agora se prendeu em argumentos horríveis, histórias de complexos e outras loucuras que são retrato da desorientação e angústia dos nossos tempos, descobre-nos tambem uma face do mundo doloroso dos homens — a sêde de simplicidade, de doação, de amor e de heroísmo.

M. L. P.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO — Desenhos de GUIDA OTTOLINI

ALEGRIAS E TRISTEZAS

VIII

A doença de D. Mécia estava estacionária; mas o médico tirara à filha todas as ilusões:

— Ir-se-á mantendo assim durante uns meses; mas levantar-se, nunca mais. Deve seguir-se a inevitável cachexia.

Um dia, inesperadamente, quando Maria de Lourdes já recomeçara a sua vida de trabalho, sem aliás poder sentir a sua habitual alegria, Maria Laura voltou a procurá-la: desta vez, porem, no escritório da baixa. Maria de Lourdes acolheu-a com bondade.

— Já encontrou .. o seu marido? — perguntou, pronunciando, a custo, a última palavra.

Maria Laura, excitada, respondeu:

— Meu marido, sim, pode dizê-lo afoitamente. Mas na Majoria afirmam que ele morreu no interior da Africa; veja lá a senhora como as coisas são... — e Maria Laura riu, sarcasticamente.

— E' essencial que tenha um encontro com ele; quer que lhe peça para vir aqui? Posso telefonar-lhe agora mesmo, se quiser — disse Maria de Lourdes, tomando uma resolução súbita.

— Talvez seja o melhor; mas ele é que não quererá vir...

— O Joaquim é meu primo, sabe? e conheço bem o seu carácter. Em tudo isto, creia, há qualquer coisa que não está esclarecida...

E Maria de Lourdes, sem mais delongas, pegou no aptofone da sua secretária e ligou para casa de seu tio.

— O Joaquim poderia vir aqui já, meu Tio? E' urgente.

Na meia hora que se seguiu poderia ouvir-se o zumbido de uma mosca; e as duas mulheres, frente a frente, estavam imersas nos seus pensamentos...

Um momento abriu-se a porta, e o sócio principal veio entregar uns papeis a Maria de Lourdes. Tornou a fechar-se a porta, o silêncio continuava... Mas, dai a um bocado, novamente se abriu a porta, devagarinho como antes... Um homem entrou, pé ante pé, surpreendendo as duas mulheres imóveis como estátuas: Maria de Lourdes sentada à secretária, a cabeça encostada à mão, lendo os papeis que lhe haviam entregado; Maria Laura, os olhos fitos na porta, encarando o recemvindo com indiferença... e completo desconhecimento.

Então Joaquim, rindo alto, correu para Maria de Lourdes e agarrou-lhe as mãos:

— Ainda duvidas, louca? Esta mulher pode, porventura, sustentar que casou comigo, e não me conhece três anos depois?!

Maria Laura erguera-se; e disse, com energia rude:

— Com este homem não fui eu casada; nem sequer se parece com o meu Joaquim — acrescentou. despeitada.

Maria de Lourdes, radiante e comovida, abraçava agora o adorado noivo; e só repetia, com a cabeça sobre o seu ombro:

— Perdoa-me, Joaquim, ter duvidado de ti...

E Maria Laura saiu do escritório sem que os noivos, sequer, dessem pela sua saida, imersos em profunda felicidade.

Joaquim, porem, obrigando Maria de Lourdes a sentar-se a seu lado no sofá, explicou:

— Todos estes dias andei a informar-me; e quantas coisas tenho a dizer-te, Lourdes!

— Porque as não disseste mais cedo?

— Porque esperava este encontro, sem preparos, assim mesmo: queria provar-te que esta mulher não me conhecia. Agora ouve, minha filha: havia de facto, um tal guarda-marinha com o meu nome; mas tinha, a mais, o José que eu não tenho e talvez lhe faltassem algumas qualidades que eu tenho. Quem sabe? — e Joaquim, a rir, beijou a mão de Maria de Lourdes. Depois, continuou:

— Esse homem morreu, realmente; ou pelo menos nunca mais se soube nada dele, depois da ida para o interior em negócios pouco claros...

— Tenho dó da Maria Laura, coitada... — murmurou Maria de Lourdes.

— Faremos alguma coisa por ela quando nos casarmos, meu amor. Agora ouve ainda o resto e dá atenção, Lourdes querida!

— O que será?

— Sabes quem era o empregado do Ultramarino que tanto pareceu rigosijar-se com este drama que, felizmente, o não era?

— ??

— O teu ex-noivo João, simplesmente!

— Oh Joaquim, é possivel?!

— Não pensemos nele, nem na Maria Laura; pensemos só na nossa felicidade, Lourdes! — e Joaquim estreitou a noiva contra o peito, num impeto de alegria.

IX

Havia já seis meses que D. Mécia falecera.

A pequena igreja do Santo Condestável estava cheia de luzes e flores; e, apesar da hora matutina, muitas senhoras enchiam os bancos e vários oficiais de marinha, ostentando condecorações, davam solenidade ao conjunto. Ao som do orgão, Maria de Lourdes entrou, devagar, pelo braço do tio, que lhe servia de pai enquanto não era seu sogro; e uma velha tia, que muito a estimava, dava o braço a Joaquim.

— Que linda vai a Lourdes! — segredou Alicinha, instalada perto da teia.

— Foi pena não se pintar: está palidissima — disse Rosa.

— Que par lindo! o Joaquim é muito mais bonito do que o João — tornou Alicinha.

— O Joaquim tem só o seu soldo, sabem?

— E' o amor e a cabana!...

— Vocês ouviram dizer que o João

CONVERSAS

— Meninas — declarou o Dr. Menezes Pinto, naquela chuvosa manhã de Fevereiro quando se encontrou na casa de jantar com o ranchinho habitual — vamos hoje falar sobre um assunto importante: o *Crêdo.*

— Isso sei eu de fio a pavio sem me enganar — disse Maria do Carmo, satisfeita. Mas a irmã, um pouco casmurra, atalhou, depressa:

— Talvez seja melhor, muito melhor, você estar calada e ouvir o que as outras dizem.

Maria do Carmo, melindrada, respondeu:

— Posso bem dizer que sei o *«Creio em Deus Pai»* na perfeição; e se querem que o diga...

— Não se trata de dizer o Crêdo, Carmo; mas sim de o explicar, de separar os artigos uns dos outros, de...

— Quais artigos?!! — perguntou Maria do Carmo, atónita.

— Vê? Oiça e cale-se, é o melhor — tornou Maria do Rosário.

—Não deixem, antes de falar do Crêdo, de apreciar a minha sopa: olhem que está estupenda! — pediu Berta. — E' uma simples sopa de legumes, sim, mas olhem que não é *qualquer* sopa!...

— Levou decerto os «délicieux poireaux» da minha França... — murmurou Mademoiselle Sixte.

— E' a base deste creme, isso é. Mas vamos ao Crêdo, Paisinho. Não é o Crêdo o verdadeiro *resumo* de todas as Verdades da nossa religião?

— E foi composto para, de facto, ficarem bem esclarecidas e indiscutíveis.

— Eu nunca rezo o Crêdo sem o dividir, mentalmente, nos artigos que o constituem — disse Angélica. E Alexandra concordou:

— Nem eu. Torna-se, assim, tão claro, tão belo, tão completo como síntese do que devemos crer...

— Mas que artigos são esses, não me dirão? — gemeu Maria do Carmo.

— No Crêdo, como elas disseram, Carminho, foram resumidas pelos Doutores da Igreja, nos primeiros séculos do Cristianismo, as Verdades em que devemos *crer:* e cada uma dessas Verdades está contida em cada um dos *12 artigos* do *Crêdo*, percebes?

— Assim, assim... — murmurou Maria do Carmo.

— Se sabes bem o Crêdo, como dizes, é fácil de entender. O 1.º artigo é a frase com que ele principia — explicou Angélica.

Alexandra recitou, devagar:

— *«Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra».*

— Nesse primeiro artigo, Carmo, diz-se que tudo, no mundo, foi *criado* por Deus; percebes? — tornou Angélica.

— *«E em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor»* — continuou Alexandra.

— Esse é o segundo artigo, Carminho — disse o Dr. Menezes Pinto.

— Assim, a parar, não sou capaz... — murmurou Carmo.

— *O qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria:* é o terceiro — disse Berta.

— *Padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado* — gritou Maria do Carmo.

— Agora o quinto: *desceu aos infernos* — tornou Alexandra; continuando:

— O sexto: *Ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, e está sentado à direita de Deus Pai, Todo Poderoso.*

— Permitam-me uma pergunta, meninas — interrompeu o pai — Esse *terceiro dia*, em que se diz que Jesus ressuscitou, quando, e como, é comemorado pelos cristãos do mundo inteiro?

— Oh Pai, quem não sabe isso? E' a grande festa do Domingo de Páscoa, em que as famílias cristãs se reunem e jantam juntas, e se alegram...

— Chegámos ao sétimo artigo: *De onde há-de vir julgar os vivos e os mortos.*

— E' o juízo final, percebe, Carmo? — perguntou Maria do Rosário.

— Isso percebo: é sermos julgados por Deus quando acabar o mundo — respondeu Maria do Carmo, sismática.

— O oitavo é fácil: *Creio no Espírito Santo...*

— *Na Santa Madre Igreja e na Comunicação dos Santos* é o nono:

Carmo perguntou:

— Então isso não são dois?

Foi o Dr. Menezes Pinto que respondeu:

— Não, Carminho, o nono artigo do Crêdo é constituído por essas duas frases, pois, de facto, a *Comunicação dos santos*, isto é a parte que *todos* têm nos Bens da Igreja, pertence, por assim dizer, à catolicidade da Igreja. Mas isto é ainda um pouco difícil para a Carminho.

— O melhor é você fixar bem que o nono artigo é esse — aconselhou Maria do Rosário.

— Na *Remissão dos pecados*, na *Ressurreição da Carne* e na *Vida Eterna* — concluiu Angélica — que são os últimos.

— Não são difíceis de compreender; embora a palavra *carne* suscite, às vezes, certas confusões — observou Alexandra.

— Eu cá... — murmurou Maria do Carmo.

— E' melhor não dizer nada: fique sabendo que a Ressurreição da carne, quer dizer, simplesmente, que quando houver o Juízo final todos ressuscitam com os seus corpos, em carne e osso, percebe? — cortou Maria do Rosário.

A pobre Carmo ficou calada e pensativa...

Depois disse, e todas romperam em alegres gargalhadas:

— Julguei que sabia tão bem o *Creio em Deus Pai...*

"Uma rapariga simples"

E' já no próximo número, queridas leitoras, que começa este novo romance: e tenho a certeza de que vai agradar-vos. Se a princípio, lhes parecer infantil... não se desconsolem: pois a Guida, *que nos aparece com catorze anos, apenas, cresce depressa neste livro! e tornamos a vê-la com vinte, a viver como vós, a trabalhar, a amar... E com isto termina esta cartinha, a vossa amiga*

Maria Paula de Azevedo

---

anda como uma bicha? Esteve quase a desmanchar o casamento com a Celeste.

— E' bem feito! abandonou a Lourdes quando ela ficou pobre: portou-se vergonhosamente — declarou Alicinha.

A missa ia seguindo, dita pelo padre Costa, confessor de Maria de Lourdes desde a sua infância. E parecia comovido o bom sacerdote ao dar aos noivos a comunhão...

Agora soava no órgão uma Marcha Nupcial; e o par encantador descia vagarosamente a igreja parecendo, deveras, a encarnação da felicidade!

FIM

A LENDA DA BOLA DE NEVE

Numa alta montanha coroada de neve, entre as rochas escarpadas, vivia uma inocente flor, branca e redondinha como uma bola de neve: daí o seu nome.

Um dia, na primavera, em que ela gozava a alegria de viver, na bondade do seu destino que era louvar ao Senhor, viu desprender-se do alto da montanha um floco de neve, que descendo, se arredondava.

— E' uma *Bola de neve* como eu, pensou a flor; é da minha família, não me fará mal!

Ai como estava enganada! O floco de neve, aumentando à medida que rolava, adquiriu tanto volume, força e peso, que destruindo no caminho árvores e arbustos, veio esmagar a pobre flor.

E a lenda conclue dizendo que a mentira, crescendo de boca em boca, nem os próprios parentes poupa!

. . . .

Lembrando-te desta lenda, não consideres uma pequena mentira uma falta insignificante.

Uma pequena mentira, quem sabe a avalanche destruidora que provocará?!

A mentira, uma vez desencadeada, não respeita ninguem: nem os amigos nem a família... e os inocentes são as suas primeiras vítimas.

PERGUNTAS

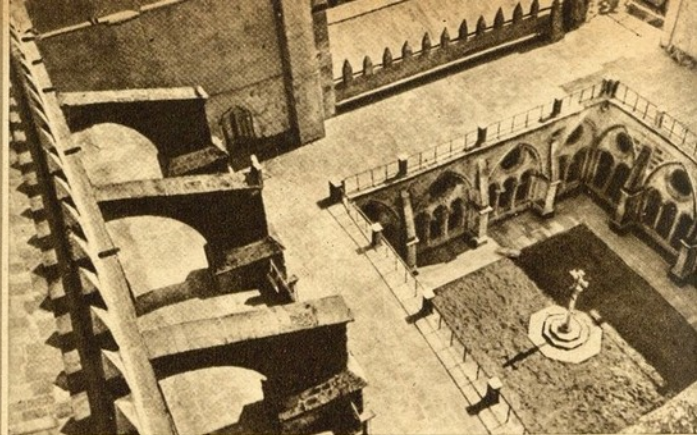
1 — Quem inventou a caneta de tinta permanente?
2 — Qual a mulher que fez a primeira travessia do Atlântico?
3 — O telefone foi inventado por Edison, Bell ou Marconi?
4 — Qual o país dos mil lagos?
5 — Penelope é uma personagem do que livro?
6 — Qual é o único instrumento que tocando em solo pode fazer o efeito duma orquestra?
7 — Quem descobriu a vacina?
8 — Quem contava a história das Mil e uma noites?
9 — Qual foi a princesa portuguesa que foi Rainha de Inglaterra?
10 — De que país era originária Aida, heroina da célebre ópera de Verdi?

Quem nunca teve dores, não julgue dores,
Nem alegria, quem a não sentiu;
Quem nunca teve amor, não julgue amores,
Nem trate de honra, quem a não seguiu;
Não pode, quem não vê julgar as cores,
Nem sabe o que é ver, quem nunca viu:
Assim, quem nunca em nada satisfaz,
Julgar não pode o que outrem diz ou faz.

Pedro de Andrade Caminha
(1520-1589)

RESPOSTAS

ÁS PERGUNTAS ACIMA FEITAS

1 — Waterman; 2 — Amelia Earhart; 3 — Bell; 4 — Finlândia; 5 — Odisseia; 6 — Orgão; 7 — Pasteur; 8 — Scheherazade; 9 — Princesa Catarina; 10 — Etiópia.

Claustro da Sé do Porto

LENDAS DA SÉ DO PORTO

Na Sé Catedral do Porto estão depositadas em uma urna de madeira as reliquias do mártir S. Pantaleão que a lenda diz terem vindo da Nicomédia no século IV da era de Cristo, trazidas por um grupo de arménios que por mar vieram aportar às costas de Portugal, e subindo o rio Douro se estabeleceram em Miragaia, aonde existe ainda hoje a rua Arménia, inteiramente ligada a esta lenda. Parece que as reliquias foram depositadas na antiquissima igreja da Miragaia e, como patrono do Porto que S. Pantaleão passou a ser, as suas reliquias foram transportadas para a Catedral. Os habitantes de Miragaia ficaram descontentes e exigiram o regresso das reliquias à sua igreja e então diz a lenda que estas apareceram de novo em Miragaia. Transportadas mais duas vezes para a Catedral voltavam, sem se saber como, para a igreja de Miragaia e como El-Rei D. João II em seu testamento mandasse que aquelas reliquias fossem encerradas em uma urna de prata, o Bispo do Porto D. Diogo de Sousa, com o fim de dar cumprimento à ordem Régia determinou em 1499 que fossem transferidas para a Catedral. A lenda diz ainda que isso só pôde ter lugar ficando em Miragaia o braço do Santo. A urna de prata que era riquissimamente trabalhada esteve durante mais de duzentos anos no altar mór e o povo quis ver um milagre no facto de ela ter escapado à rapina das tropas francesas durante as invasões de 1807 e 1809. Esta urna foi roubada no agitadissimo periodo das lutas liberais, possivelmente no ano de 1841.

Outra lenda muito interessante da Sé do Porto é a lenda de Nossa Senhora da Silva existente em um dos altares do transepto. Esta imagem é uma escultura antiquissima em pedra que a lenda conta ter sido encontrada nos silvados que existiam no lugar onde o Bispo D. Hugo mandou abrir os caboucos para a actual catedral. Logo muito venerada pelo povo, por ela tinha especial veneração a Rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, a qual no seu testamento faz referencia ao achado e a fez herdeira de todas as suas melhores joias e dos seus vestidos mais ricos.

Maria José de Gouveia Allen de Sousa Coutinho

N.º 94 FEVEREIRO

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

ASSINATURA AO ANO 12$00 — AVULSO 1$00